

“À posteridade, que nunca fez nada contra mim” – Ofereço minhas condolências pela Terra depauperada e envenenada que receberão como herança. Espero que tenham sucesso onde falhamos em criar uma civilização digna do nome” – William Ophuls

INTRODUÇÃO

O que se pretende com este artigo é analisar a crise ecológica na qual a humanidade se encontra hoje e buscar uma resposta pautada na ecologia, a partir de um novo pensamento ético filosófico tomando por base científica o estudo das obras *A Vingança de Platão: política na era da ecologia* de William Ophuls e *As Três Ecologias* de Félix Guattari.

Há diversos pontos convergentes nas duas obras, as quais apontam, primeiramente, à razão da crise ecológica pela qual a humanidade está sendo assolada, e tomar-se-á por base, justamente estes pontos comuns para se identificar uma nova perspectiva a fim de encontrar uma resposta ética, filosófica e política para a crise ecológica ou ambiental.

Outro ponto de relevância para a compreensão do texto é que as obras analisadas foram escritas no lapso de duas décadas, contudo, os temas são muito próximos, e por isso, se propõe correlacionar as ideias dos dois textos, tomando por base principal a obra “*A vingança de Platão*” que embora mais recente que “*As três ecologias*” socorre-se de fundamentos de filósofos clássicos para elucidação do problema.

Na obra *A vingança de Platão: política na era da ecologia*, propõe-se a construção de uma nova filosofia política a fim de compreender a crise ambiental na qual a sociedade se encontra hoje. Explica o autor que não pretende contestar teses filosóficas contemporâneas, pelo contrário, pretende encontrar nos filósofos clássicos a solução da crise ecológica, ou ambiental. Trata-se, portanto, de um esboço para uma nova filosofia baseado em ecologia, física e psicologia.

Para analisar esta nova proposta ético-filosófica também serão utilizadas algumas ideias de *As três ecologias*. Esse texto propõe a quebra de paradigma do pensamento atual, com base em uma articulação ético-política, que vai chamar de ecosofia, pautada em três registros ecológicos: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana.

Em sua obra Ophuls , revela que: “O livro conclui a tarefa que o autor se impôs há muitos anos: encontrar uma resposta política humana e eficaz ao desafio da escassez ecológica”, e assim também é o que se pretende desvendar neste trabalho.

Este artigo, para tanto, utilizou-se de método bibliográfico e método de abordagem dedutivo. A fim de melhor trata-lo, estruturou em 4 tópicos. No primeiro, abordar-

se-ão os males que permeiam a sociedade contemporânea; no segundo, apresentar-se-á um novo pensamento pautado em uma ética ecosófica; no terceiro, identificar-se-ão ferramentas do novo modo de pensar a ecologia e o meio ambiente; por fim, no quarto, sugerir-se-á uma alternativa à crise ambiental.

Espera-se, dessa maneira, que este trabalho venha contribuir com reflexões acerca dessa problemática que representa um desafio ao homem contemporâneo e para a continuidade de todas as formas de vida na Terra, embasando-se em um novo modo de pensar e agir ecológico.

1. OS MALES QUE PERMEIAM A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O mundo enfrenta uma grave crise ecológica desde a década de 1960. Após diversos desastres ambientais de grandes proporções, a sociedade passou a se preocupar com os efeitos de seus atos com relação ao meio ambiente, e resta claro que a maneira como se tem comportado, utilizando dos recursos naturais indistintamente só pode gerar um presente e um futuro calamitoso.

Para Ophuls, esse futuro está próximo, e o presente se apresenta em forma de um grande Titanic no qual todos estão embarcando e que muito em breve irá afundar. Essa é a forma pela qual explicita que a maneira como se tem lidado com o meio ambiente é perigosa e agravará a crise ambiental.

O autor faz diversas críticas ao desenvolvimento sustentável, dizendo que essa premissa é um oxímoro e todas as tentativas de “esverdear o Titanic fracassarão ao final”, pois o navio enfrenta limites biológicos e geológicos em última instância.

Na visão de Guattari, “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração”. Para o autor, existe uma espécie de padronização dos comportamentos, numa espécie de “movimento geral de implosão e infantilização regressiva”. Ao que parece, trata-se de uma crítica à globalização, embora esse termo não seja utilizado na obra.

Assim, caímos na falácia de que qualquer crise ambiental seria superada pela inventividade humana e as tecnologias poderiam superar as restrições materiais. É certo que isto não aconteceu e, portanto, deve-se enfrentar o problema a partir de um novo modo de pensar.

Pois bem, a sociedade chegou aonde chegou por diversas razões, e, para Ophuls, essas razões têm por base cinco grandes males: exploração ecológica, agressão militar, desigualdade econômica, opressão política e mal-estar espiritual.

Dessa maneira, os filósofos e políticos que criaram o mundo moderno procuraram curar dois dos cinco males – desigualdade econômica e a opressão política reforçando dois outros: a exploração ecológica e a agressão militar – busca do poder e domínio da natureza.

Ocorre que o mal-estar espiritual também não foi resolvido. Para a cura desse “grande mal”, o ser humano deveria ser destituído de religião clerical, não deveria mais temer coisa alguma, já que a igreja o controlava. Foi promovida então uma secularização, que em *ultima ratio* libertaria o homem. Mas o que se deu foi uma desmoralização. Essa desmoralização apresenta três aspectos: “a corrupção da moralidade e dos costumes, o solapamento da moral e a difusão da confusão”.

Por óbvio, que o resultado prático levou à perda do senso de honra, dever e responsabilidade, o que gerou uma grande confusão moral, perda de suporte intelectual e espiritual. A solidariedade se corroeu, agora o que importa é vencer: poder e riqueza em que o vencedor leva tudo.

Nossos antepassados viviam conforme a premissa de Lewis Morgan: “a liberdade, a igualdade e a fraternidade das antigas gentes”, possuíam uma participação mística que os ligava ao cosmos e dava sentido à vida, viviam de acordo com as leis naturais, respeitavam e se integravam à natureza. A liberdade foi substituída pela autoridade, a igualdade pela hierarquia e a fraternidade pela desunião.

A secularização levou a um mal estar espiritual pandêmico, no qual muitos recorrem a métodos mórbidos de enfrentamento: dependência física de drogas, álcool, tabaco, dependência psicológica de comida, entretenimento, jogos de azar, pornografia, sexo, compras e esportes.

Somos tão religiosos quanto nossos antepassados, mas nossa religião é pautada em autogratificação, política e religião do eu e de ideal utópico de perfeição, tudo isto envolto em uma mera aliança de indivíduos com interesses próprios. Deste modo, o que se necessita é uma reinvenção da civilização, uma nova base moral, ou uma nova regra de vida que modere os cinco grandes males.

Guattari (2001, p. 8), por sua vez, aponta que a sociedade vive em um “paradoxo lancinante”:

De um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do

planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos.

Isto quer dizer, que em que pese toda a tecnologia produzida pelo homem, este ainda se pauta por objetivos egocêntricos, fechados em seus próprios interesses, sendo incapaz de operacionalizar essas tecnologias ao ponto de cooperar coletivamente para a promoção do bem estar comum.

O autor também aponta a existência de um antagonismo transversal de luta de classes, homens *vs.* mulher, por exemplo, no qual a mulher mesmo tendo conquistado diversos avanços sociais, ainda se vê mais explorada do que o homem, e não conseguiu de fato ascender a um lugar socialmente igualitário.

Para além disso, demonstra várias fragilidades sociais, de minorias, como os negros, os idosos, a mulher (como já colocado). Assim, para o autor é nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação os antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas.

Ophuls aponta, também, a questão da substituição da moralidade por leis. Ele propõe que a vida moderna apresenta uma abundância de leis, e a fim de regular a sociedade, não adotamos mais as antigas regras de vida ou moral, pois fomos destituída dela, agora, precisamos de “um excesso de leis” para coordenar a vida em sociedade.

Daí surge a questão, porque devemos ter tantas leis quando sabemos o que é certo a ser feito? Tácito disse: “Quanto mais corrupto é o Estado, mais numerosas são suas leis”. O autor então explica o silogismo implícito de Tácito, Ophuls (2017, p. 32):

Num Estado saudável, as leis são poucas, simples e genéricas, pois as pessoas são morais, cumpridoras das leis e imbuídas de espírito público, o que as torna fáceis de governar.

Num estado enfermo, as leis são muitas, complexas e meticulosas, pois as pessoas são amorais, ardilosas e interesseiras, o que as torna difíceis de governar.

Portanto, quanto mais numerosas são as leis, mais corrupto é o Estado, vice-versa.

O pensamento apresentado é estarrecedor, principalmente se o voltarmos para a sociedade brasileira, na qual regulam-se as minúcias da vida comum, ao ponto de ter-se leis que regulam o uso do sal. Então, de acordo com o silogismo de Tácito, somos uma sociedade amoral, ardilosa e interesseira.

Pois bem, conforme Ophuls a legislação não é substituta da moralidade. Os costumes, e não as leis, nos tornam cumpridores das leis e nos deixam imbuídos de espírito público.

Os substitutos legais para moralidade são um sintoma de doença, e não uma cura. Quando as leis não são mais percebidas como princípios gerais de justiça, mas vistas como produto do egoísmo organizado, da briga faccionária ou da intromissão moralista, todo o respeito pela lei é perdido, e até a legitimidade do Estado é posta em dúvida.

As formas de governo liberais são autodestrutivas, pois tanto na teoria como na prática, dependem da razão e do autocontrole, isto é, de cidadãos que sabem a diferença entre liberdade e licenciosidade e que se governam de maneira apropriada. A função do Estado se torna meramente instrumental: manter a paz e transferir a moralidade para a esfera privada.

A racionalidade pode começar benignamente, libertando-nos da superstição, mas após se desfazer do mito e da religião ao longo do caminho, acaba desconstruindo brutalmente toda forma de significado ou autoridade.

O autor explica como e porque surgiu a questão desenvolvimentista, totalmente voltada para a gratificação material, o que por fim, gerou a exploração exacerbada dos recursos naturais, já que o homem não possui mais limites para suas necessidades (OPHULS, 2017, p. 38):

Quando Hobbes “desatrelou as paixões” libertou os homens e as mulheres das restrições morais ou religiosas impostas, mas também gerou aquilo que conhecemos como desenvolvimento econômico. Liberado da obrigação de promover fins sobrenaturais, o Estado, dali em diante, se dedicaria às coisas deste mundo: estimular o desejo humano, sobretudo o desejo de gratificação material, o que gerou superexploração da natureza, pois as necessidades humanas são infinitas – efeito a longo prazo: violação das leis e limites da natureza, causando uma crise ecológica.

Neste mesmo sentido, Guattari (2001, p. 30) também assinala que em todos os lugares e épocas, a arte e a religião foram o refúgio de cartografias existenciais fundadas na assunção de certas rupturas de sentido “existencializantes”:

Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um **imenso vazio na subjetividade que tende a se torna cada vez mais absurda e sem recursos**. Não só não constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos técnico-científicos e o desenvolvimento dos progressos sociais e culturais, como parece evidente **que assistimos a uma degradação irreversível dos operadores tradicionais de regulação social**. (grifo nosso)

Coadunam-se, deste modo, as ideias de ambas as obras, de que a partir da ruptura dos valores morais nos tornamos seres que buscam apenas gratificações materiais. Sobre isso Ophuls dispõe: “Ainda não estamos prontos para admitir que a destruição da natureza é consequência de um fracasso moral catastrófico, que exige uma **mudança radical de consciência**.”

Deste modo, a solução possível para a corrupção política e a degradação ecológica é a mesma: uma ordem moral que governa a vontade o apetite humanos, em nome de um fim superior, ao invés de uma gratificação material contínua.

O direito natural perdeu quase toda sua respeitabilidade filosófica nos tempos modernos, pois de acordo com os filósofos do Iluminismo, havia uma ordem moral perceptível no cosmos, que a ciência logo revelaria.

Contudo, isto não se revelou verdadeiro. O universo sensível, carregado de significado moral, não existe, existe apenas o que a ciência encontrou, uma máquina: matéria morta a ser explorada por economistas e engenheiros, para nos deixar mais ricos e mais poderosos, não melhores.

É possível descobrir uma base ética para a política que esteja de acordo com o direito natural? Sim! A natureza nos instrui de fato a como viver! Base virtuosa, calcada em uma nova regra de vida aristotélica, cuja base é **uma política da consciência dedicada à ideia de que enobrecer os seres humanos importa mais do que acumular matéria morta.**

2. UM NOVO PENSAMENTO PAUTADO EM UMA ÉTICA ECOSÓFICA

Para Guattari este novo pensamento deve ser pautado em uma nova filosofia permeada e voltada para as bases ecológicas, ao que denominou de ecosofia. Para o autor, a ecosofia deveria tomar por base o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. A proposta de Ophuls encontra resposta em uma nova filosofia política que deverá ser analisada sob os aspectos da ecologia, física e da psicologia.

Ressalta-se que há diversos pontos comuns nas bases de estudo de ambos os autores, como já apontado. Adotar-se-á um critério misto de exposição de ideais de ambos, tendo em vista que as propostas são similares, e pretendem um fim único, ou seja, um novo modo de pensar e agir para garantir uma continuidade à humanidade, com base em critérios ecológicos, filosóficos e políticos.

A busca pelo direito natural não pode conduzir a uma verdade absoluta. Para Aristóteles “o conhecimento perfeito não é alcançável a respeito dos assuntos práticos ou da ética”. O objetivo de Ophuls, como ele mesmo indica, não é forjar um caso científico incontestável, mas demonstrar uma base científica razoável para o argumento político que se propõe.

Nesse sentido, “**a tragédia da civilização industrial moderna reside em sua grandeza.** Todas as civilizações anteriores exploraram o mundo natural, geralmente de modo

autodestrutivo, mas nunca tentaram negar a necessidade relativa à natureza ou se afastar da natureza”, ou seja, nossos antepassados reconheciam que precisávamos da natureza para sobreviver, que sem ela, não somos nada. Somos parte de um todo complexo que exige que cuidemos e cultivemos a natureza, a dominação desta não faz sentido, pois dela fazemos parte.

Essa vontade de poder sobre a natureza é a essência do *húbris* (descomedimento) moderno: um fim presunçoso perseguido por meios excessivamente racionais e impulsionado por desejos irracionais. Freud indicou a origem do caráter neurótico dessa hostilidade: “contra o temido mundo externo, podemos só nos defender... indo para o ataque contra a natureza e a sujeitando à vontade humana”.

O *húbris* moderno, ou a arrogância moderna, origina-se do medo irracional e se manifesta como uma guerra ilimitada contra a natureza por riqueza, poder e domínio. O homem moderno é uma adolescente de consciência, um rebelde querendo dominar algo que não pode.

Ophuls entende que a ecologia é a cura mais segura para o *húbris* moderno, e assim discorre (2017, p.49):

A ecologia é a cura mais segura para o *húbris* moderno. Entender a ecologia é perceber que o objetivo de dominação é impossível – de fato, é demente – e que os meios crus que empregamos para esse fim estão nos destruindo. Entender a ecologia também é perceber que algumas das realizações mais louvadas da vida moderna – nossa extraordinária produtividade agrícola, as maravilhas deslumbrantes da medicina tecnológica e, de fato, até mesmo a afluência das economias desenvolvidas – não são, de jeito nenhum, o que parecem, mas ao contrário, reduzem-se a castelos construídos sobre a areia ecológica, que não podem ser sustentados a longo prazo. Em resumo, a ecologia expõe a grande ilusão da civilização moderna: nossa aparente abundância é, na realidade, escassez disfarçada, e **nosso suposto domínio da natureza é, em última análise, uma mentira.** (grifo nosso)

A respeito da ecologia, ou mesmo das questões naturais, de como a natureza opera, é importante ressaltar que existe uma sabedoria intrínseca e uma ética implícita. Tanto a sabedoria como a ética derivam diretamente dos fatos ecológicos da vida: limites naturais, equilíbrio e inter-relação envolvem necessariamente **humildade, moderação e ligação humana.**

A palavra de ordem para o autor é cooperação, já que na natureza nada se faz de maneira autônoma, todos os organismos dependem uns dos outros, até o organismo mais simplório é um conjunto de cooperação em si mesmo.

Acerca dos pilares necessários da humildade, moderação e ligação humana, Ophuls defende que a humildade é a essência da sabedoria ecológica, além de ser base de uma ética ecológica:

A humildade é a essência da sabedoria ecológica e a base de uma ética ecológica. Não só os limitados sistemas naturais se opõem aos ilimitados apetites humanos, mas os limites também nos obrigam a chegar a um acordo moral com a teia da vida – isto é, renunciar ao húbri e achar um lugar dentro da natureza, em vez de acima dela. Disso resulta o dever de lidar de modo justo com o mundo não humano e também com nossa própria posteridade.

Além disso, “a ecologia valida o áureo meio-termo. E da sabedoria do “nada em excesso” resulta uma ética de “moderação de todas as coisas” com o único caminho para preservar e respeitar a autonomia, a integridade e o valor do todo, do qual a humanidade é apenas uma parte”.

Acerca dos outros pilares da ligação humana e da moderação, observa-se que a embora a competição e a predação sejam fatos brutos da vida natural, a mutualidade e a cooperação predominam. Na realidade evolução é coevolução, pois nada se desenvolveu em isolamento.

Assim, em última análise, tem-se que a evolução tende ao clímax – isto é, a uma exuberância de simbioses mutualísticas. O resultado é mais vida: riqueza, complexidade, ordem e beleza muito maiores do que poderiam ser alcançadas alguma vez se o processo fosse meramente competitivo.

A respeito da questão meramente ecológica, Guattari a analisa sob o prisma distinto de Ophuls, pois para o autor é necessário haver intervenção humana (2001, p. 52):

No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a e de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade.

Observa-se, contudo, que a intervenção humana proposta por Guattari tem a ver com uma atuação proativa da sociedade, no sentido de não só defender a natureza, mas uma atuação ofensiva para o bem, não há de se falar em domínio da natureza, mas sim a proposição de medidas de atuação do homem em defesa da natureza.

Pois bem, outra questão que se insere relativamente a um novo pensamento ético ecosófico é exatamente no que diz respeito à compreensão humana acerca de tudo. Temos que reinventar nossos pensamentos para que então possamos propor este novo modelo pautado em questões éticas, filosóficas e políticas.

A respeito disto, nas duas obras se observam indicativos de como este processo deverá acontecer. Na obra de Guattari (2001, p.16), ele expõe claramente o que seria a ecologia mental:

A ecologia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios da vida” e da morte – seremos levados a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens, etc.

Assim, o sujeito será levado a reinventar tudo o que considera já posto, terá que reavaliar sua relação com seu corpo físico, com sua forma de pensamento, com suas crenças postas, e até mesmo reanalisar suas atitudes com relação ao que é colocado pela mídia, e ir além desta uniformização midiática proposta.

Ophuls alerta que nem tudo é exatamente o que parece ser, em sua obra propugna que tudo o que observamos é um mero jogo de sombras. Entendemos o que nossa experiência de vida nos deixa entender, somos um conjunto das histórias que nos foram contadas.

Daí o nome que dá origem à sua obra: “A vingança de Platão”, pois para Ophuls Platão estava certo ao propor este modo de compreensão de mundo é emoldurado pelos limites de nossa linguagem.

Segundo Ophuls (2017, p. 72), a linguagem emoldura nossa realidade tão completamente que Ludwig Wittgenstein (2007) afirmou: “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”.

Da mesma maneira, o neurocientista Francis Crick (1979) apregoa que tudo o que percebemos é de certa maneira “uma peça pregada em [nós] pelos [nossos] cérebros”, ou seja, trata-se do teatro de sombras de Platão.

Portanto, as bases para um novo pensamento ético ecosófico tem como ideia principal os limites naturais, equilíbrio e inter-relação envolvem necessariamente **humildade, moderação e ligação humana**, correlacionados à ideia de novo pensamento construído a partir das próprias experiências do indivíduo.

3. FERRAMENTAS DO NOVO MODO DE PENSAR ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE

Após compreendidas as razões pelas quais nos encontramos numa grave crise ecológica, que perpassa a noção de vazio espiritual, um grande cabedal legislativo, ideias de dicotomia de poder (questões de gênero e minorias), além da grande necessidade humana de domínio da natureza, chega-se à conclusão que para que este Titanic Ecológico não afunde de uma vez, devemos adotar um novo modo de pensar.

As ideias por trás deste novo modo de pensar já foram colocadas, estas devem ser pautadas em uma nova ética ecosófica, com respeito e entendimento que somos parte da natureza, bem como somos aquilo que pensamos e imaginamos com o que podemos significar, a partir dos limites da nossa compreensão de mundo.

Portanto, são necessárias algumas ferramentas para adotar este novo modo de pensar e experimentar o mundo, as histórias que nos são contadas, e como são interpretadas fazem todo o sentido para este novo pensar: “O universo é feito de histórias, e não de átomos” – Muriel Rukeyser.

A mente humana é instigada a construir narrativas coerentes a partir até dos dados mais fragmentários. Mesmo em nível intelectual mais refinado, é notável que aquilo que sentimos intensamente e lembramos não é a exposição seca (OPHULS, 2017).

Desta feita, tem-se a ideia de Ophuls sobre o que seja necessário para a propositura de uma nova política pautada na ecologia, que para ele é captada em três palavras gregas: *therapeia*, *paideia* e *politeia*. Assim, segundo esta ideia, este seria o caminho terapêutico rumo a uma maior maturidade social e pessoal; isto é, rumo à sabedoria e à virtude, tanto no indivíduo como na sociedade.

3.1. *Therapeia*

Para que se possa entender como chegar a este caminho terapêutico faz-se mister a compreensão da mente humana, para, então, se propor um novo pensar e agir. Egerton (1992, p.72) fala acerca das tendências universais da mente humana a partir de uma análise da literatura antropológica:

Uma análise da literatura antropológica revela três tendências aparentemente universais da mente humana: estamos propensos à superstição e ao pensamento mágico; somos predispostos à paranoia; e projetamos nossa própria hostilidade sobre os outros.

O ser humano é uma infinidade de possibilidades, é complexo e dicotômico, tem suas paranoias e hostilidade para com o outro, para Ophuls (2017, p.93): “os seres humanos são uma mistura volátil de animal, primitivo e civilizado; um emaranhado de emoções e impulsos que quase garante conflitos interiores e exteriores”.

Pois bem, embora se saiba que o ser humano e por fim a sociedade está minada por sentimentos de gratificação pessoal e busca incessante de perfeição, calcada principalmente em ideias capitalistas que sugerem a busca também incessante de lucro, dinheiro e gratificações materiais, o ser humano ainda possui sentimentos morais natos como

a compaixão, que precisam ser cultivados e apoiados para a construção de uma nova ordem social mais harmoniosa e decente.

Volta-se, então, à questão principal desta obra: Por que a sociedade, humanidade, sendo parte da natureza, e dela dependendo completamente, não observou que com seus atos de dominação findariam por destruí-la?

A resposta para isso, na obra de Ophuls, é que a mente humana é dicotômica, ela pensa de maneira dualista: “bom” e “mau”, e pensa também de maneira imediata. Afinal, na história da evolução humana fomos obrigados a pensar rápido, senão seríamos (literalmente) devorados pelo perigo externo.

Por isso, o ser humano não se acostumou à ideia de projeção para o futuro, e somente quando as grandes crises ambientais começaram a surgir é que se deu conta que suas ações. De acordo com Darwins (1986, p. XI): “o cérebro humano não foi feito para entender processos lentos e acumulativos, como a mudança evolucionária e ecológica, que demandam uma sensibilidade aguda para consequências a longo prazo, de pequenas mudanças.”

Embora conforme afirmou Kant: “da madeira torta da humanidade nenhuma coisa reta já foi feita”, o homem tem uma capacidade infinita de pensar e imaginar coisas, por isso, a madeira torta da humanidade pode sim produzir coisas belas e boas.

O entendimento humano é um processo que pode ser desenvolvido por meio de nossos esforços metafóricos, a cultura humana é uma eterna concatenação de metáforas. Até as ideias mais complexas podem ser entendidas pela capacidade humana, desde que por meio de metáforas.

Uma das ferramentas para se apreender um novo mundo, e uma nova forma de pensar são através de arquétipos, estes são um importante recurso da *psique* objetiva. Segundo Jung, são eles “formas estruturais” a priori do material da consciência”, que determinam a maneira “pela qual as coisas pode, ser percebidas e concebidas” pelos seres humanos.

É necessário, portanto, haver uma reconexão com o mágico, com o infinito, com um todo maior (OPHULS, 2017, p.113):

A terapia jungiana é espiritual, e não racional – “a questão decisiva para o homem é: ele está relacionado com algo infinito ou não?” o objetivo da terapia de Jung era fazer o paciente atravessar um processo que designou “individuação” para evitar esse *self* maior transcendente.

Além da espiritualidade ligada à racionalidade, passando por este processo de individuação de Jung, da apreensão ou compreensão do mundo por meio de metáforas, arquétipos ou conexões, deve-se muito ao instinto humano (JUNG, 1977, p. 89): “Em última análise, a maior parte de nossas dificuldades ocorre por causa da perda de contato com nossos

instintos, do esquecimento da antiga sabedoria armazenada em nós”, e continua Jung (1977, P. 302): “a razão supervalorizada tem isso em comum com o absolutismo político: sob seu domínio, o indivíduo é pauperizado”.

Alicerçando-se nas ideias de Jung, o espírito e instinto são inseparáveis: um não pode existir sem o outro, mesmo que sejamos seres dicotômicos. A ameaça real para civilização não é nossa natureza demasiado humana, mas o barbarismo que se origina quando esta civilização cria uma multidão de neuróticos.

Assim, Jung propõe a ideia de individuação que traz à tona uma consciência da comunidade humana, o que significa: “alcançar o grau mais grau mais completo de individualidade, mas sem o egoísmo, a competitividade, o ressentimento, a alienação, a solidão e o narcisismo ligados ao individualismo de hoje” (Ophuls, 2017, p. 115)

Portanto, de acordo com a teoria de individuação de Jung, pode-se propor esta nova ferramenta do pensamento ecológico pautado na individuação.

3.2. *Paideia* e ecosofia

A ferramenta seguinte proposta é a ideia da *paideia* de Ophuls, aliada à ecologia mental e social de Guattari. *Paideia* é *therapeia* em escala maior. A *paideia* é a recuperação da “unidade estética”.

Nas duas obras se observa o indicativo de que é necessário para a construção deste pensamento ético e ecológico a noção de coletividade, respeitadas as individualidades por óbvio, aliando os indivíduos por meio de noções que envolvem estética, beleza e poesia. Esta seria a nova epistemologia, nova visão de mundo que deverá fomentar este novo estilo de vida.

No que tange à questão estética, Guattari (2001, p. 21) invoca paradigmas estéticos para explicitar a responsabilidade e o engajamento de todos para que possam intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas:

Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc). É eticamente insustentável se abrigar, como tão freqüentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico. De fato, o conjunto dos campos “psi” se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos.

Neste sentido, identifica-se a necessidade de invocação de campos estéticos para melhor compreensão do mundo. Por meio da noção de *paideia*, Ophuls sugere a mudança de

pensamento, do meramente racional para o espiritual, sendo o objetivo principal da *paideia* reparar o desequilíbrio radial da cultura e da educação modernas:

Enfatizamos exageradamente a “razão”, a faculdade associada ao lado esquerdo do cérebro, enquanto desprezamos ou ignoramos as “razões do coração”, que possuem em seu assento neurológico no lado direito. **A solução para essa deficiência envolve uma educação estética num sentido amplo, que vai além da mera apreciação da música ou das artes plásticas.** (grifo nosso)

Ophuls (2017, p. 129) complementa a noção de estética ao traçar o comparativo da feiura, e cita Hillman, para quem a beleza é uma necessidade epistemológica:

A feiura entorpece e adoce a psique, tornando-a cada vez mais inerte para o mundo. Para Hillman (1982, p. 71-93) “A beleza é uma necessidade epistemológica: *astheis* é como conhecemos o mundo”. [...]Eleva o espírito humano e nos reconecta com a unidade estética, que é a base indispensável para a sanidade individual e coletiva.

A noção de beleza e poesia pra alma vai além da compreensão das artes como a conhecemos. Aqui está colocado um novo indivíduo, o qual valoriza as razões do coração, a beleza do que é natural, a apreciação de música, de obras de arte, da estética de inúmeras coisas, que são belas naturalmente, e que são assim apreciadas por todos, a partir de um padrão estético universal.

Ophuls coloca também a necessidade da intuição, curiosidade de imaginação ao citar que Einstein sempre sustentou que a intuição, a curiosidade e a imaginação, e não sua mente pensante, levaram-no às suas descobertas revolucionárias: “não foi minha consciência racional que me levou a um entendimento das leis fundamentais do universo”

Põe-se, desta forma, a necessidade de um sistema de educação que prepare as pessoas para a vida, com base em parâmetros estéticos, poéticos, imaginativos, de curiosidade e intuição, que são qualidades inerentes para uma cultura rica e bem sucedida.

Ophuls (2017, p. 155) arremata com a ideia de que nós (humanidade) já possuímos as ferramentas para pensarmos uma nova história, que nos religaria à unidade estética do cosmos:

Temos todos os ingredientes de uma história poderosa, bela e autêntica de quem nós, humanos, somos, e do que devemos fazer com as nossas vidas – história que promoveria a sanidade cognitiva e intelectual, religando-nos à unidade estética do cosmos. Aí reside a tarefa significativa de converter essa visão da nova *paideia* numa política exequível e humana: como devemos constituir uma política.

Assim, observa-se a harmonização nos parâmetros de ideal humano das obras. A respeito do impacto da ecologia mental, Guattari (2001, p.41) também propõe um novo modo de pensar, a partir da reapreciação da finalidade do trabalho e das atividades humanas em critérios diferentes do rendimento e do lucro:

Seja na vida individual ou na vida coletiva, o impacto de uma ecologia mental não pressupõe uma importação de conceitos e de práticas a partir de um domínio “psi”

especializado. Fazer face à lógica da ambivalência desejante, onde quer que se perfile – na cultura, na vida cotidiana, no trabalho, no esporte, etc. – reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro: tais imperativos da ecologia mental convocam mobilização apropriada no conjunto de indivíduos e dos segmentos sociais.

Os autores defendem que o ideal humano social é pensar o mundo não apenas com base na racionalidade destituída de moralidade, mas sim a partir de critérios estéticos e naturais que possam trazer a reapreciação do que realmente importa, com mais poesia, intuição e imaginação, sem necessariamente buscar-se tão somente o rendimento e o lucro, que têm sido a base da sociedade contemporânea.

4. ALTERNATIVA À CRISE AMBIENTAL

Guattari indica que não há resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária. Temos que pensar o todo, para que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural, “reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”. Guattari (2001, p. 55):

As três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distinta uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. Seus registros são ressingularização. Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes.

Guattari se pauta nas ideias de individualidade e solidariedade. Toma-se de empréstimo o conceito de individuação de Jung, que se parece bastante com a proposta de Guattari para esta nova política fundada em princípios ético-estéticos.

Na concepção de Ophuls, este apresenta como proposta para esta nova política – que seria resposta à crise ambiental – realizar os fins da *therapeia* e da *paideia* por meio da *politeia*, já que para a consecução deste ideal político seria necessário adotar-se sabedoria e virtude, e que segundo o autor, não surgem espontaneamente nos seres humanos.

Nesta ideia de nova política ou *politeia*, o modelo proposto por Ophuls é de uma sociedade menor, mais participativa, que possa efetivamente fazer parte das tomadas de decisão, afinal, por pior que seja o poder, ou o governo, ele é um mal necessário para regular as relações sociais.

O autor propugna, ainda, que esta política deve ser fundada em ideias morais e religiosas, a fim de resgatar o real sentido de humanidade e solidariedade nos indivíduos, diferente da sociedade na qual se vive hoje: individualista, cheia de cobiça e exploradora. Devemos, pois, ser imbuídos de um espírito de valor e virtude. Ophuls (2017, p. 164)

Os sábios, profetas, poetas e filósofos que se opuseram à natureza da **civilização**, exortando homens e mulheres **e buscar a sabedoria e a virtude, em vez de riqueza**

e poder, concordaram em geral com os meios necessários para esse fim. Todos imaginaram um estilo de vida que é **material e institucionalmente simples, mas cultural e espiritualmente rico** – portanto, em amplo sentido, mais livre, igualitário e fraternal do que a vida em sociedades complexas, **devotadas à acumulação e expansão contínuas**. (grifo nosso)

Nesta esteira, a existência mais e simples e natural levaria uma vida virtuosa, marcada pela natureza, pela beleza, junto da família, amizade, o lazer, a educação e, a filosofia no sentido platônico, de auto aperfeiçoamento pessoal e espiritual.

É necessário também rever nossos conceitos de educação. Em geral somos educados para termos bons empregos, para galgarmos um lugar importante na sociedade por meio de *status*. Mas o que realmente importa? Jefferson considerava a educação decisivamente importante, indispensável para a criação da aristocracia natural. Hoje se educa para o mérito, e não para a virtude e para o talento.

Assim, surge a ideia de que deveríamos ser governados por uma aristocracia natural, e não na meritocracia. Ophuls (2017, p. 178) indica a diferença destes dois conceitos:

Educamos para o mérito, e não para a virtude e o talento. No entanto, a meritocracia é o governo meramente inteligente, enquanto a **aristocracia é o governo prudente**. Em outras palavras, a meritocracia agrega valor, isto é, contribui para o resultado final da máquina, sem muita preocupação com as consequências, enquanto a **aristocracia agrega caráter, que é essencial para manter a política e a economia nos trilhos**. (grifo nosso)

Aqui também se revela a ideia de que é devido muito mais do que um governo com base no mérito e lucro para atingir-se uma nova consciência ambiental, é necessário, portanto, um governo prudente, pautado em critérios éticos e morais para conceber-se esta nova política ecológica.

Ophuls (2017, p. 187): “Nem “os direitos do homem”, nem outras “verdades” políticas são “evidentes”, exceto num contexto moral. Em resumo, a religião civil será um elemento indispensável da nova *politeia*”. O autor indica, assim, que para que se atinja os fins da sociedade é necessária a noção de religiosidade e moralidade já perdidas, e este fim só pode ser obtido por meio da retomada da religiosidade. Coaduna, deste modo, a ideia de beleza com o sagrado (2017, p.189):

Entender a beleza, unidade e inteligência do cosmos é perceber que ele é sagrado; e perceber que ele é sagrado é desejar viver de acordo com suas leis – ou seja, com humildade, moderação e apreciação profunda para uma ligação com a totalidade da vida no planeta.

Assentando-se, pois, neste ideal de belo e sagrado, no qual deverão pautar-se as relações sociais e políticas para a crise ambiental, tanto Rousseau quanto Benedict compreendem que para se implementar esta nova política ecológica, a escassez ecológica nos

obrigará a viver em cenários menos e mais simples, com base em culturas de reciprocidade e mutualidade, que em última instância promoverá a felicidade do todo.

O tipo de política proposto já existe e se observa, em especial, em culturas orientais esta nova filosofia ecopolítica. A filosofia política oriental começa da premissa de que a relação é primordial. Portanto, o desafio da política é assegurar que as relações de forma generalizada, sejam harmoniosas e que as autoridades tenham coração e espírito de mutualidade.

Por fim, as ideias de felicidade, estilo de vida, culminam em um resgate individual, coletivo e espiritual, sendo este o modelo para a preservação da vida no planeta, não somente a vida humana, mas a vida em geral. Não se pode conceber viver sozinho, somos seres interdependentes em conexão com o cosmos e com nós mesmos. Veja-se o pensamento de Ophuls (2017, p.218) comungado ao de Nikos Kazantzakis (1996, p.80) :

A raiz da felicidade é um estilo de vida belo, e não a acumulação incessante. Com o tempo, quando tivermos recriado a civilização em nome de Eros, descobriremos que precisamos de muito menos do que imaginávamos para sermos felizes: “que coisa simples e frugal é a felicidade: uma taça de vinho, uma castanha assada, um pequeno e mísero braseiro, o som do mar [...] Tudo o que se requer [...] é um coração simples, frugal”.

A vida daqui pra frente só pode ser concebida se pautada em critérios de simplicidade, de coletividade e solidariedade.

CONCLUSÃO

O mundo enfrenta uma grave crise ecológica desde a década de 1960. Após diversos desastres ambientais de grandes proporções, a sociedade passou a se preocupar com os efeitos de seus atos com relação ao meio ambiente, e resta claro que a maneira como se tem comportado, utilizando dos recursos naturais indistintamente só pode gerar um presente e um futuro calamitoso.

A secularização levou a um mal estar espiritual pandêmico, no qual muitos recorrem a métodos mórbidos de enfrentamento: dependência física de drogas, álcool, tabaco, dependência psicológica de comida, entretenimento, jogos de azar, pornografia, sexo, compras e esportes.

Somos tão religiosos quanto nossos antepassados, mas nossa religião é pautada em autogratificação, política e religião do eu e de ideal utópico de perfeição, tudo isto envolto em uma mera aliança de indivíduos com interesses próprios. Deste modo, o que se necessita é uma reinvenção da civilização, uma nova base moral, ou uma nova regra de vida que modere os cinco grandes males.

No entanto, o ser humano ainda possui sentimentos morais natos como a compaixão, que precisam ser cultivados e apoiados para a construção de uma nova ordem social mais harmoniosa e decente.

Nas duas obras se observa o indicativo de que é necessário para a construção de um novo pensamento ético e ecológico, pautado na noção de coletividade, respeitadas as individualidades por óbvio, aliando os indivíduos por meio de noções que envolvem estética, beleza e poesia. Esta será a nova epistemologia, nova visão de mundo que deverá fomentar este novo estilo de vida.

Ophuls apresenta como proposta para esta nova política – que seria resposta à crise ambiental – realizar os fins da *therapeia* e da *paideia* por meio da *politeia*, já que para a consecução deste ideal político seria necessário adotar-se a sabedoria e a virtude, que não surgem espontaneamente nos seres humanos.

Portanto, as ideias de felicidade e estilo de vida, culminam em um resgate individual, coletivo e espiritual, sendo este o modelo para a preservação da vida no planeta, não somente a vida humana, mas a vida em geral. Não se pode conceber viver sozinho, somos seres interdependentes em conexão com o cosmos e com nós mesmos.

Finalmente, compreende-se que uma alternativa para a crise ambiental atual seria uma mudança de pensamento individual e coletivo, que conduza a sociedade a um modo de vida mais simples e virtuoso, calcado na ideia de maior participação política, considerando indivíduos mais moralmente preparados e religiosamente orientados.

REFERÊNCIAS

DARWINS, Richard, *The Blind Watchmaker*, Nova York: Norton, 1986.

EDGERTON, Robert B. *Sick Societies*, Nova York: Free Press, 1992.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina f. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1ª Edição Eletrônica, 2011. Disponível em: <<<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/guattari-as-tres-ecologias.pdf>>>

HILLMAN, James. *Anima Mundi: The Return of the Soul to the World*, Woodstock: Spring, 1982.

JUNG, Carl. *Jung Speaking*, Princeton: Princeton University Press, 1977.

JUNG, Carl. *Memories, Dreams, Reflections*, Princeton: Princeton University Press, 1977.

KAZANTZAKIS, Nikos. *Zorba the Greek*, Nova York: Simon & Schuster, 1996.

OPHULS, William. *A vingança de Platão: política na era da ecologia*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.